

Redacção, Administração e Proprietária  
CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA - Telef. 5 Cete

Director e Editor  
PADRE AMÉRICO

Composto e Impresso na  
TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA

Valores do Correio para CETE

AVENÇA



# O Gaiato



Visado pela  
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO IX N.º—219  
Preço 1\$00



D pois de uma larga ausência, voltei aos sítios do costume, tendo recebido notícia de que alguns já ali se não encontravam... Não vale a pena subir; morreu. O Barrido não é certamente uma zona de morte. Não é. Mas a falta de recursos, a pouca higiene e outros elementos de desgaste, fazem com que muito adoecem e a morte seja iminente. Já cá não está foi uma outra notícia que me deram no segundo andar, quando ali procurava uma doente. Não tenho ali conhecido outros casos que não sejam a tuberculose. Crianças, velhos, moços, — tudo vai pelo mesmo caminho.

Fiquei muito contente ao entrar numa casa minha conhecida e ouvir que ela estava destinada

a ir abaixo. Não sei bem como será por quanto, se aquela, muitas outras não-de ir, em virtude do aglomerado. Seja como for, disseram-me que tinha ali estado o sr. Dr. da Saúde, que acendeu uma luz, que viu as crianças doentes, declarou que aquilo não podia ser e tinha de ir abaixo. Tenho esta notícia da mãe de três pequeninos que vive com eles numa das alcovas do antro. Mas elas são mais três com outras tantas famílias. Em cada uma sua luz mortíca. Num recanto cozinham as quatro famílias. Não há exortos! Não há nada do que o homem precisa para viver. Muito avisado andou o sr. Dr. da Saúde em ter declarado sentença tão oportuna. Sentença para todos nós, menos os Inocentes que ali moram.

Crianças foi o meu forte nesta visita recente. Numa cama estavam duas e ao pé, num berço, outra mais pequenina. No mesmo prédio, ao fundo, era um embarcado. A sua mulher conta-me e eu oiço. Pagam de renda 37\$00 por semana!! Tem uma esmola de cinco deles das senhoras da Conferência e o que falta, são dores da pobre mulher. Prosseguindo, entrei noutra morada aonde uma criança gemia. Era um rapaz. Estava sózinho. Não podia falar. Não abriu os olhos. A febre queimava. Daí a instantes a mãe soube e acode esbaforida; eu andava ós carretos. Isto era uma justificação. Ela justificava-me a sua ausência, mas não tinha de quê. A primeira necessidade da vida é comer; eu andava ós carretos. Eu queria viver num mundo aonde a criança doente tivesse o que lhe é dado; — os cuidados da mãe; e que a engrenagem social subisse suprir a necessidade dos carretos. Quizera, sim.

Foi o dia das Crianças, esta última visita. Havia delas que me convidavam para subir e ver outras nos leitos. De uma toca sai a vez de uma pequenita tome que manda a minha avó para os pobres. Era uma moeda de 5\$00! Chegou finalmente a hora. Tinha deixado o Morris na rua dos Ingleses. Enquanto seguia, meditava na notícia de que vão botar isto abaixo, e recordei a aflição e para onde é que a gente há-de ir? Era o grupo dos ameaçados. Era um S.O.S que cada um me lançava. Ora eu não cuido que aquilo vá abaixo. É o povo a falar. Fosse uma casa isolada e eu digo que

## VISITANTES

No primeiro domingo de Março foi aqui o fim do mundo. O dia era de primavera antecipada. O maior grupo, e eles foram muitos, era constituído pelo Amor com amor se paga, do Porto. Muitos homens, muitas mulheres, muitas crianças e tudo mãos calejadas. Um saco de veludo cor de rosa, continha uma pancadaria de dinheiro, fruto de economias daqueles trabalhadores. Nós somos trabalhadores; foi assim mesmo que se explicou o primeiro da comissão que fez a entrega. Nós somos trabalhadores. Nisto, de entre a massa do povo, destaca-se um jovem que apresenta com voz comovida, uma nota de mil escudos, declarando que numa aflição da sua vida, buscou a nossa obra. Escutei a voz, vi as lágrimas do manco e perguntei se ele estava à altura de dar tão considerável soma, ao que ele responde: *é produto do meu trabalho. Nós somos trabalhadores. Estava uma grande massa de gente. Sente-se bulício. Há duas pessoas que tentam aproximar-se e fizeram-no. É um irmão e é a mãe. Os três estão no meio. O vovente indica a sua mãe: foi por ela que eu prometi. Não se descreve facilmente o que então aconteceu! A gente é que não pode falar, ouvi eu da boca dos que estavam mais perto! Queriam mas não podiam. Era a eloquência. Eloquência da verdade. Fora, na relva, pequeninos de vara na mão, guardavam ninhadas de pintainhos; e era isto. Era isto que os impedia de falar. A gente é que não pode falar.*

Outro grupo era composto de quarenta vicentinos de Viana do Castelo, acompanhados de um Padre da Companhia que lhes fizera um retiro e presididos pelo Padre Constantino, muito falado aqui em casa pelos que vão ali vender. Pelo caminho, entre todos, fizeram uma coleta que rendeu quinhentos escudos! Vinham interessados em visitar casas do Património e traziam consigo a planta das que estão erguendo para os seus Pobres. Tenho aqui na minha mão. A legenda é igual: *Património dos Pobres*. Estamos no começo de uma obra rica. É a hora dos vicentinos. Uma ideia em marcha é uma espada. O vicentino é por natureza uma pessoa de crédito.

sim. Mas o antro de que se fala, faz parte dum bloco. É um quarteirão. Não irá por ora. Estão à frente obras mais importantes. Quando, porém, chegar a ocasião, eu lanço aqui aos responsáveis o S.O.S que me lançaram: *para onde é que a gente há-de ir?*

É a sua missão que o faz grande. Construir casas para os pobres é a única maneira de resolver o problema. E são os vicentinos. Não é mais ninguém.

Não sei se é verdade e bem quizera que o não seja; mas corre o boato de que as Conferências vão pedir personalidade jurídica. Eu atravesso-me. Em nome dos Pobres digo que não. A primeira desgraça é a intromissão dos Poderes. Já não é uma esmola; é um subsídio que se dá, do qual o indigente terá de passar recibo e se não sabe ler terá de o fazer a rogo e por sivelmente reconhecer no tabelião. Já não é uma esmola. Não é a esmola do Evangelho, escondida. O Pai Celeste não é honrado. É um sub-ídolo. É o século a falar e a agir. Esta é a primeira desgraça, sim, mas há outra maior: o direito de possuir nos termos da lei. Ai vêm os escriturários e a necessidade dos fundos de reserva e tudo mais que o mundo ensina e aprova. Eu atravesso-me. Em nome dos Pobres digo que não.

Continua na segunda pág.

## Das Coisas Novas

Temos aqui sobre a mesa de trabalho a circular n.º 19 da Direcção Geral de Assistência, da qual damos algumas palavras, com licença presumida de quem a sub-creve.

«A obra assistencial realizada pelos Asilos destinados a menores e a velhos reveste-se, sem dúvida, do maior interesse social, desde que se restrinjam os internamentos aos casos em que se justifica inteiramente essa modalidade de assistência e não se recorra a eles simplesmente como meio de atenuar dificuldades de ordem económica.

O exame da população de muitos asilos conduz nos à conclusão de que nesta matéria, bastantes erros se têm porventura cometido, ainda que na melhor intenção. Está-se a contribuir, por vezes, para a desagregação da família, levando os pais a libertar-se do encargo dos filhos, e a criar o conceito de que ao Estado compete garantir o sustento dos mesmos e dos velhos e inválidos, eximindo-se inteiramente a esse dever os ascendentes ou descendentes, só porque a sua situação económica não é desafiada.

Convém por termo a este estado de coisas, reservando os internamentos de menores, assegurando a estes, quando saíam dos Asilos, uma conveniente adaptação à vida exterior, que muitas vezes lhes tem faltado.»

Demo-nos todos as mãos. Praticuemos esta doutrina. E' um novo — Carlos Dinis da Fonseca.

## DOCTRINA

Acerca da Doutrina de um dos últimos números, a falar do decreto de abolição, não falta quem se tenha interessado, a julgar por cartas e pessoas que procuram soluções. E quantos que não escrevem nem procuram falar, sentem a mesma inquietação, — quantos! A mais recente que eu tenho, é a sugestão dum abaixo assinado de todas as mulheres portuguesas, do mundo português, pelo que, segundo creio, alista ou listas, andariam pelo ultramar. Eu cá oiço mas não digo. E às cartas não respondo. Limito-me apenas a repetir o que ouvi a um dos meus rapazes e in-formar uma sua interessante resolução. Eu estava no meu escritório quando ele entra e pede a palavra. Sim. Declara que tem uma sua irmã em perigo, que a sua mãe é incapaz e que ele, pela formação que hoje tem, não a deve abandonar. Pela formação que hoje tenho não devo deixá-la na companhia da minha mãe. Isto foi naquele dia, no meu escritório. Estremeci de alegria interior e dei graças ao Pai Celeste pelas maravilhosas resoluções que implanta na alma deste Cisco. Depois do que, volto-me para o rapaz a quem dei meios e liberdade de acção. A sua irmã está hoje a bom recato e temos esperanças de ver amanhã mais uma mulher honesta com um nome português. Ora isto é silêncio e acção. Isto basta para resolver o problema nacional. A poeira vem da falta de formação.

# Agora

O guião de hoje vai nas mãos de um motorista com meia dúzia de fechaduras: *aproveitai isto para as casas dos vossos pobres*, diz o motorista, dirigindo-se aos rapazes. É o guião. A uma das borlas vai esta criada de servir:

«Não sei se vão criadas nesta posição do (agora) mas paré-se-me que é preciso ir de tudo, e peso descolpa por ser só uma nota das mais pequeninas, uma que dá graças a Deus por ter uma cozinha muito parsida com as dos meus irmãos pobrezinhos.»

E à outra vai um funcionário público da Ponte da Barca com 60\$00 *correspondentes ao meu novo aumento de ordenado*. Imediatamente atrás do guião, vai o grupo de *Jovem Rico*, sua mulher e filho, com a primeira pedra 500\$ para duas casas, se Deus quiser: a primeira dos seus Pobres, e a segunda destes Pobres de Cristo.

Tudo quanto deixo dito, são palavras do *Jovem Rico*. Este é às avessas daquele jovem rico do Evangelho... De Lisboa vieram 2 100\$00 num vale e um visitante trouxe aqui um dia à noitinha 1600 deles. Eu cuido que são ofertas colhidas entre amigos e por isso cá vão eles. No Lar do Porto deixará 40\$. Outra vez *Minucha*, *Gracita* e *Zesita* com um vidro de 20\$. Lamego vai com uma fechadura de 100\$. Ao pé uma telha de 100\$. A seguir nova telha 20\$; é uma alma que sofre. Assina-se assim. Está certo. S-guem três da Covilhã com 70\$. Uma do Porto vai com 10\$. O dobro vai na mão da Maria. Metade com outra Maria. A seguir apresenta-se um homem de treze anos com 100\$. Uma Aveirense dá uma telha de 20\$. Uma grande pecadora, em penitência aos seus pecados, vai com 200\$. O Aparício com 50\$. No Lar do Porto deixaram 20\$. Lisboa dá uma telha. Um médico de Anadia, vai com um barrote de 100\$. É o primeiro barrote! Ao pé vai alguém com metade. Um assinante de Montijo leva 20\$. O Fernando de Lisboa outro tanto. O Ventura da Foz do Douro 300\$. Outro tanto a seguir; tudo *Tripeiros* e *Tripeiras*. Ora agora tenham a bondade de ver quem passa:

«Na compra de um relógio para a nossa casinha, fizeram-me um desconto de 50\$. Como foi a primeira prenda de anos de minha mulher depois de casados, aqui lhos enviamos, Pai Américo, como insignificante ajuda para as suas «Casinhas dos Pobres»

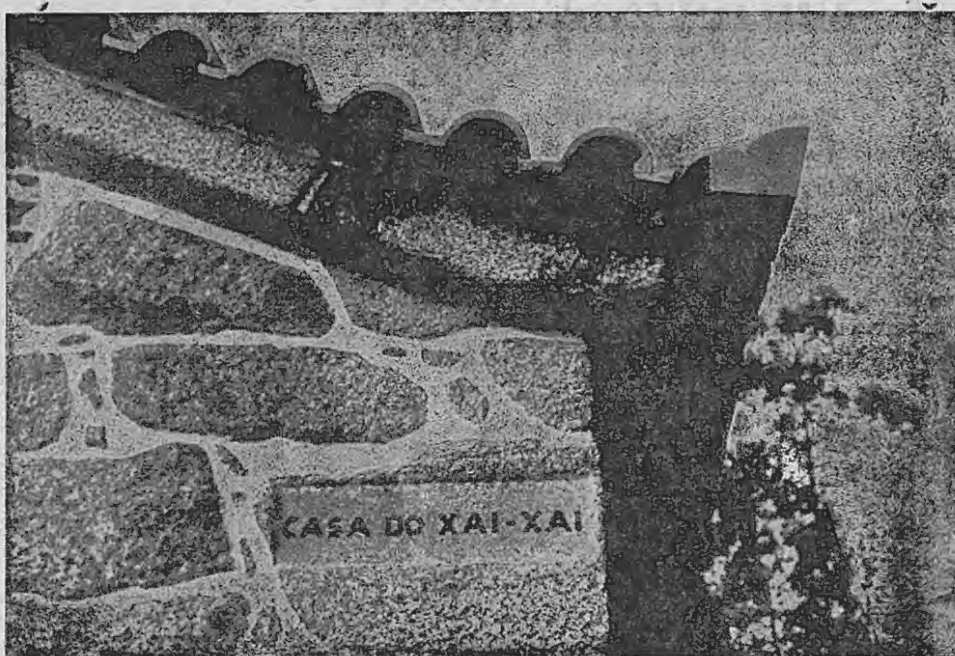
Não tem grande mérito esta oferta, mas a nossa vida não é ainda suficientemente independente, para ser doutra maneira.

Estamos no princípio, apesar de não sermos muito novos e amamos tanto a nossa casinha, que bem compreendemos o bem que seria se todos tivessem a sua.

Que por intermédio dos nossos irmãos menos afortunados Deus nos conceda uma graça que tanto desejamos e para o que pedimos o seu valioso auxílio como seu ministro, bom Pai Américo!

No Porto deram 20\$ ao Abel e um fumador deu lhetambém 2\$50.

Falta muito. Estamos ainda a grande distância da soma total, — mas este é o caminho. Por aqui eliminamos os 846 710\$ que estão a impedir.



## NOTA DA QUINZENA

Estava eu há dias no Porto, quando alguém me disse que tinha escutado de vépera, no seu rádio, a festa de homenagem ao Gago Coutinho e também o seu agradecimento.

Eu sou um desgraçado. Até hoje, não me tem sido possível ter um rádio ao meu uso. O último, pequenino, que veio para ser o meu, daí a nada mudou-se para a nova residência dos grandes, que o não tinham; e eu fiquei sem nada. Sou um desgraçado! Perdi a ocasião de ouvir da boca; melhor

diria, do coração do festejado as suas palavras de ouro.

Era naquele tempo, em Lourenço Marques, quando toda a província festejava o acontecimento. Eu ouvia as manifestações ruidosas, mas não compreendia. Foi então que no Clube Náutico, devidamente anunciado, um oficial da Marinha, Comandante Torres, se a memória me não falha, fez uma lição da travessia, explicando cientificamente, aonde estava o valor dela. Eu era um dos presentes. Lembro-me como se fora hoje, do esforço do Comandante Torres. Ele desceu. Colocou-se ao alcance de todos, para tentar uma demonstração que todos podessem compreender. No meu caso, resultou e eu fiquei desde aquela hora, um apaixonado de Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Andaram os anos. Muitos anos. Não é o Comandante Torres; não são outros a falar do Homem. É Ele próprio a falar. Ele a dar a lição: «aproveito a oportunidade que me deram de tornar público o nome humilde de uma senhora que me ajudou a viver uma vida pública.»

Esta era a frase que o meu amigo me repetiu, ainda quente; mas todo o seu discurso foi, seguramente, da mesma elevação. Tanto que atribuir a si; tanto de que se gabar; um mundo de admiradores dispostos e gostosos de o ouvir. E o homenageado esquece-se de si e dá aquele lugar à Senhora que o ajudou! Nem o tempo, nem a glória, nem as asas, nem a fortuna—nada o afasta. Ele é um homem grato.

É assim a humildade. É assim a verdade. Estas duas palavras confundem-se de tal modo, que sem uma não é a outra.

Tinha ouvido do Comandante Torres a lição do que fez Gago Coutinho Hoje oiço dele mais e melhor.

A lição cabe e vem a propósito nas páginas do *Guiato* em *Nota da Quinzena*. Se algum dos nossos vier a ser alguém no mundo, só tem um caminho para lá chegar: lembrar-se das muletas.

## PEDITÓRIOS

*Se pouco se muito, não importa. O fim principal dos peditórios é revelar os recursos insondáveis da Igreja Militante. E' justamente com estes recursos que nós mantemos a Obra.*

*A boa vontade com que nos recebem, dá testemunho do valor espiritual do homem. Os reitores das igrejas dizem que sim. Os gerentes dos cinemas dizem que sim; e quando, num ou noutro lugar nos escutam, são todos da mesma opinião. Ainda ontem foi o dia em que me dirigi aos reitores do Carmo e Carmelitas e antes de eu falar falaram eles; sim. Em Lisboa, Padre Adriano tem colhido somas espantosas nos peditórios que faz. Na Igreja de Nossa Senhora de Fátima passou de 36 contos! E quando vier o dia de ele ir aos cinemas, começará a sua era monumental.*

*Ao contrário do que nos aconselham, nós nunca prevenimos. Aparecemos. A nossa missão é pregar Jesus Cristo. E tem dado certo. É frequente recebermos cartas a dizer: aqui tem, que eu na igreja de tal não estava prevenido. Isto tem mais valor. Na igreja do Bonfim, às missas das 11 e meia horas deram-nos 4 050\$. Na igreja do Santíssimo Sacramento, às missas das dez e meia e do meio-dia, deram-nos vinte e oito escudos actua daquela quantia.*

*E mais nada.*

## VISITANTES — CONT. 1.ª PÁG.

Já aí estão duas desgraças e se fosse possível uma terceira, viria por aquele caminho. Mas não. A Caridade não acaba. Deus é Caridade. Não acaba. Virão outros com outro nome, distribuir e amar, segundo as regras do Amor. Eis.

## Património dos Pobres

Segundo notícia que temos de Miranda, já foram ali entregues mais duas moradias. Por nossa parte, andamos ocupados com duas delas, em S. João da Madeira, num terreno que nos foi cedido para esse fim, pela Câmara Municipal.

Aos habitantes de Xai-Xai, também queremos avisar de que, neste capítulo, não andamos a dormir na forma e demos inteira satisfação ao seu desejo, como se vê na presente gravura. É uma viúva com três filhos, a feliz ocupante. Tem o seu bacorinho que custou 190\$00; e tem na nossa mão o sobranço, que lhe vai sendo entregue aos poucos. A gente cumpre à risca. Padre Adriano, tem uma casa em vésperas de ser entregue e as seis da freguesia de Galegos, serão aqui nomeadas no próximo, com a notícia da sua entrega. As freguesias de S. Miguel de Pardes e Cabeça Santa, daqui perto, estão à vista e brevemente diremos o que ali se está passando; e a casa do lugar de Ribas, da freguesia de Lagares, está subindo. Se nós não chegarmos ao fim do ano com 20 casas prontas, não temos feito nada, tanto mais que este, por bixesto, tem mais um dia. O ponto está nos leitores. Não deixem arrefecer a procissão.

## O NOSSO LIVRO

O segundo volume já anda em movimento. É silencioso. Alvorça as almas. Cava fundo. Não é verdade que a apresentação é o livro; se o fora, ninguém lhe pegava. Ele é despido. Cartolina branca com duas garatujas do *Pombinha*, e mais nada. O miolo é que é; e este está dentro. Há que o procurar.

Muitos leitores do segundo, que não conheciam o primeiro, dão agora em pedi-lo, mas nós não temos. Exgotou-se a edição. Mal avisado andei em não ter dado ouvidos ao Júlio, quando ele, no princípio, me falou em dez mil. Tive medo. Não quis arriscar-me. Por isso mesmo, o futuro livro a sair do prelo, é com o Júlio quer; dez mil. É o Barredo. Cartolina branca. Dois rabiscos. A marca da casa, — um miúdo de braços estendidos. E dentro um mundo desconhecido. Mundo de verdade.

Ontem, quando falávamos dele, eu lembrei que talvez pudessemos dar mais páginas, ao que Júlio acode imediatamente: *olhe que a gente tem de olhar pela nossa vida*. Eu calei-me. Está provado que eu dou bota, quando falo destas coisas. Já assim foi, quando atimei no número das duas edições. Tem sido doutras vezes, noutros assuntos. Seria agora, se eu não quisesse *olhar pela nossa vida*. Avelino, que estava ao pé, confirma o Júlio e diz *nós temos de estandardizar os nossos livros*. E assim vai ser. O Barredo, livro do próximo Natal, será de tantas páginas quantas têm sido os mais — 224. A seguir, outros e outros e outros. Júlio acaba de correr com os carpinteiros do edifício das oficinas! Quis tudo para ele! Tinhamos construído um edifício de raiz, para todos os ramos de actividades domésticas, e hoje é tudo tipografia!

Júlio quer livros de guerra. Livros que façam labareda. Leitura para os incrédulos... para que creiam e se convertam à Verdade e por ela se salvem. Júlio não quer livrinhos de vender à porta das igrejas.

Como já dissemos no derradeiro número, este segundo volume do *Isto é a Casa do Guiato*, continua em expedição maciça de 500 exemplares. Ontem passei por lá e vi. E' na que foi oficina dos carpinteiros. H'je é a expedição do livro. Ao fundo, apoiados numa extensa mesa, Malaia e Tino e Zé da Lenha coziam. Mais além, Preta e Neca guilhotinavam. Manuel Pinto, o sucessor do muito saudoso *Piolho*, expedia.

Agora, uma coisa muito importante é que não sejamos só a gente a cumprir. É preciso que os leitores também sejam gente... e cumpram.

Esperamos continuar a dizer bem tanto dos da ficha, como doutros que agora entram.

Vamos a ver.

# PELAS CASAS DO GAIATO

**COIMBRA** Quando no penúltimo número do Famoso, neste pequeno cantinho que nos é destinado, lançamos um apelo para a generosidade de cada um, não foi preciso fazê-lo novamente. Porquê? Porque aqueles que leram o artigo com atenção e o meditaram prontificaram-se logo a auxiliar a pobre tuberculosa, que se encontra presentemente no Hospital. Dos quatro cantos de Portugal, chegaram-nos donativos e com eles se comprou já, um frasco de «Aminacyl».

Uma senhora que passou pelas ruas da baixa, deixou ficar num estabelecimento um frasco deste produto e um remédio para o sangue.

Só estes dois frascos não chegam para salvar a pobre rapariga. São precisos mais e muito mais.

Chegaram nos muitas cartas com donativos. Um traziam mais e outras menos. Para começar o desfile temos esta que vem de Lisboa e que quer ficar anónima. Manda 100\$ e com ela pede uma Avé-Maria. Não espere mais porque o seu pedido já foi satisfeito e quando quiser mande sempre. 50\$ do Porto de M. A. Uma de Mafra que trazia 20\$. Outra que dizia: Ama e Creada que gostavam de saber se tinha chegado.

Chegou sim minha senhora e estamos satisfeitos pela sua amável oferta. Recebemos sua carta senhora do Tabuado e com ela os 40\$00 e descansa que, minha senhora, rezaremos pela colocação de seu marido para nos ajudar cada vez mais. Esta vem assinada por uma Avó, uma filha e um genro. Mais esta para terminar por hoje. Vem de Lisboa e é fruto duma subscrição feita entre 5 empregadas da Rua Alexandre Herculano. A todas estas pessoas que se dignarem de nos mandar estes auxílios estamos muito reconhecidos. Muito agradecidos.

Uma senhora da Rua Henriques Seco n.º 7 r/c escreveu-nos há dias para irmos a casa dela buscar um consolo para os pobrezinhos. Eu fui lá e deitaram-me as mãos um cesto e uma maleta com livros e uma moeda. Passados dias fui lá levar o cesto e uma garrafa e escuto esta resposta: passe cá no fim do mês para levar mais alguma coisa. Desta senhora veio açúcar, feijão frade, farinha, arroz, uma garrafa com azeite e uma moeda de 5\$00. Se por estes sítios houvesse uma alma generosa que pudesse imitar esta senhora? A Sr.ª Maria Amélia de Mesquita Abreu entrou há dias a um dos nossos rapazes 5\$00 e no fim de cada um dos meses passarmos por lá para receber aquela quantia. Também um senhor do Banco Ultramarino fez o mesmo gesto. 20\$00 do Reverendo Padre Virgílio no seu vizinho para os pobrezinhos. Também nos têm chegado roupas. Um chale para a pobre rapariga doente dos pulmões.

A estas almas caridosas eu quero agradecer da melhor maneira. Muito obrigados por tudo caros leitores. Coimbra a cidade da «Briosa» está respondendo ao que dela se espera. Portanto, animo caros conimbricenses.

JOSE MARIA FERNANDES

**PAÇO DE SOUSA** São passados 8 anos, desde que apareceu o n.º 1.º do «Gaiato».

Em tão pouco tempo, chegamos aos 23.000 assinantes, que ansiosamente esperam pela saída do jornal, para o lerem de ponta a ponta, e meditar em na doutrina que ele encerra.

Vamos no limiar do novo ano. Peçamos a Deus que nos dê forças e coragem para continuarmos a espalhar por toda a parte a verdade de «O Gaiato».

A propósito me ocorreu duas coisas. A 1.ª é que para ter a colecção do jornal «O Gaiato» completa falta-me o n.º 1. Se por acaso algum leitor o tivesse e mo quizerem oferecer eu sinceramente agradecia.

A 2.ª é já no próximo dia 23 do corrente que faz anos o crónista desta secção.

No passado domingo, realizou-se no nosso campo de jogos, um desafio de futebol, entre as equipas dos Gaiatos e do Grupo Desportivo de Santa Cruz de Alvarenga.

O nos o team alinhou da seguinte forma: Bástolo; Constantino, Canpo e Mabel; Prata e Sérgio; Jacinto, Carlos, Cabrita, Amadeu e Gari.

Antes de iniciar o encontro, a equipa visitante ofereceu nos uma magnífica taça.

São 16 horas em ponto e o desafio começou neste momento com bola de saída dada pelos Gaiatos. A bola está na área dos visitantes e estes afastam o perigo deitando a bola fora. Aos cinco minutos surge o 1.º golo dos Gaiatos,

centro de Gari e entrada oportuna de Carlos a tocar a bola para o fundo das redes. O nosso grupo está jogando na grande área do adversário. Surge o primeiro livre de canto contra o adversário, que marcado este nada resulta. Desceida perigosa dos visitantes e defesa do nosso Guardião. Sérgio sofre uma carga irregular e o árbitro assina livre contra o Desportivo. Sérgio aponta e golo dos Gaiatos. O resultado está em 2-0 a nosso favor e o desafio continua. É apontado o 2.º livre de canto contra o adversário e com ele o 3.º tento do nosso grupo. O adversário ataca mas sem êxito. Estamos chegando ao intervalo com os Gaiatos a vencerem o Desportivo de Alvarenga por 3-0. A bola vai para fora e o árbitro apita para o intervalo. O comportamento das equipas durante estes primeiros 45 minutos foram de jogo correcto e aceitável.

**Segunda parte.** Os jogadores regressam de novo ao rectângulo, e depois de colocados nos seus lugares o jogo recomeça. Há poucos momentos jogados e já novo golo dos gaiatos. O adversário faz por conseguir o ponto de honra o que consegue passados 10 minutos, sendo o resultado de 4-1. Esta metade do desafio está sendo pouco fértil em lances de interesse. Ainda assim os gaiatos marcam novo golo por intermédio de Cabrita. O result do passa a ser de 5-1. O desafio continua. Nota-se alvoroço no meio da assistência do Santa Cruz de Alvarenga. O jogo endureceu um pouco, cabendo as culpas a um jogador adversário. Os nossos atacam e eis o



Jato é a Casa do Gaiato  
"Ora de rapazes, para rapazes pelos rapazes"

Saidos que são os professores, entra um rapaz do escritório do Avelino com trabalho para duas horas; e enquanto o faz, vigia a multa. Aqui estão eles muito quietinhos. Claro que aqui anda um bocadinho de habilidade do fotógrafo... mas a verdade é que todos aproveitam as duas horas de preparação para as lições do dia seguinte. Eu sou testemunha. Eu às vezes passo por lá e noto a compostura.

Esta é a escola do senhor professor Nunes. Há outra do senhor Madureira e outra do senhor Arlindo. Pode não haver em qualquer delas muita inteligência, mas luz, sim. Muita luz. Olhem prás janelas.

6.º golo. O jogo continua. Faltam 12 minutos para o desafio terminar e eis que surge um mal entendido da assistência adversária o que resulta não chegar ao terminus este desafio de futebol. É com tristeza que o dizemos, mas um senhor do Santa Cruz não se conteve e zás... Virou-se a um dos nossos jogadores. E é assim que se acaba um encontro de futebol?...

— Em virtude de já alguns dos nossos leitores, terem escrito perguntando a que horas era irradiado o programa «A Vos do Gaiato», aqui avisamos que o dito programa vai para o ar às 21 horas pontualmente, em Portuense Rádio Club.

Portuenses o Gaiato fala. Escutai-o. É nos primeiros domingos de cada mês.

MANUEL PINTO.

**MIRANDA DO CORVO** No dia 17 de Fevereiro tivemos a visita dos alunos do sétimo ano do Liceu D. João III de Coimbra, que nos vieram visitar com o propósito de disputarem um jogo connosco. Após regular assistência o jogo começou às três horas e cinco minutos. Alinharam pelos Gaiatos: Ratinho, Zé Maria e Carlos Alberto; Alfredo, Luís e Zé Blas; Carlos, Afonso, Zé Eduardo, Bucha e José Maria Saraiva Pelos visitantes: Cortezã; Látario e José Maria; Albuquerque, Fufinhas e Nunes de Almeida; Costa, Veiga, Porto, Sílvia e Policarpo. O jogo decorreu com certo entusiasmo e até ao intervalo não houve tentos. Mas durante este período de tempo as nossas balizas foram

mais atacadas devido à melhor forma do adversário. Aos cinco minutos da segunda parte regista-se o primeiro tento da partida marcado pelo interior dos nossos visitantes. Aos sete minutos novo tento a favor dos visitantes marcado por Porto. Aos treze minutos novo tento dos visitantes da autoria de Sílvia—um golo espectacular! Pouco depois as nossas balizas foram alvejadas mas desta vez sem êxito. Aos 15 minutos aproximadamente, Ratinho foi substituído por José Eduardo nas balizas, ficando deste modo os Gaiatos reduzidos a dez unidades. A nossa turma teve algumas oportunidades de golo, mas desperdiçou as sempre. Aos trinta e dois minutos coube a vez dos Gaiatos marcarem um tento de lindo efeito por intermédio de Carlos Alberto. Aos quarenta minutos os gaiatos animados pelo primeiro tento mandaram um tiro à barra por intermédio de Luís. Pouco tempo depois, o mesmo Luís desperdiça nova oportunidade. Pela turma visitante Fufinhas e Veiga salientaram-se. Pelos gaiatos Ratinho nas balizas chegou a estar brilhante. Aos noventa minutos terminou o jogo sendo o resultado de 3-1 favorável aos visitantes.

Tornamos a passar um carnaval feliz. No dia anterior o Sr. Padre Horácio mandou comprar bichas, bombas, e outras coisas não mencionadas, que à noite foram distribuídas pela malta que fazia algazarra de contente. Este Carnaval foi presenciado pelo Sr. Dr. Artur Weiss que é de nacionalidade holandesa, e que ficou muito satisfeito com a nossa paródia. Desejamos que Deus nos dê para o ano outro Carnaval da mesma forma.

Começamos de novo o desaterro para ver se concluímos as obras em nossa casa e também para fazermos uma tor-

Do que nós necessitamos

Uma mãe feliz de Lisboa, por ocasião do primeiro aniversário da sua filha, manda-nos um enxoval como eu nunca vi! Nem o sabonete nem o pó de talco faltavam! Tudo sublime; o material, as cores, o feitio, a intenção, o destino—tudo grande. Mais de Pardelhas, uma casa de negócio manda 89\$ retirados da caixa número um do Gaiato, instalada aqui no meu estabelecimento. A propósito, lembramos que as casas do Dr. Bernardo na Inglaterra, as quais abrigam milhares de crianças, são mantidas em grande parte, por caixas desta natureza... Mais 100\$ do Porto. Mais 1.000\$ de Sá da Bandeira. Mais 500\$ do Porto de Uma que só tinha na algibeira 7\$50 quando no peditório da Trindade. Mais 20\$ dos empregados da Cruz de Cristo. Mais 20\$. Mais 50\$. Mais do Livramento uma esmola de três escudos de uma promessa. Parece que não é verdade; estas fazem-me chorar. Mais 500\$ de Marido e Mulher; o dinheiro junto vai com certeza fazer-nos imensa falta. Mais 25\$ com o costumado Bendito Seja Deus! Mais 500\$ de S. Pedro do Sul. Mais do Lobito 240\$; continuo lendo o Gaiato Que lindo Evangelho, meu padre! Assim se pensa no Lobito. Mais 290\$ do curso de Engenharia de 1920. Mais 100\$ da Maria da Piedade de Lisboa. Mais 50\$ do Porto. Mais 40\$ da percentagem do meu trabalho. Mais metade de Lisboa. Mais 60\$ do aumento do meu ordenado. Mais 50\$ de Tancos. Mais 50\$ de uma assinante agradecida. Sim. Cumpre-se. Mais 20\$ dos Empregados do Banco Espírito Santo de Guimarães. Mais 150\$ de um juiz de Direito. Mais 20\$ de Gaia. Mais um presente de 18 crucifixos. Mais 600\$ de Lisboa. Mais 100\$ de Campo Lindo. Mais quatro anéis de ouro e fazenda para dois fatos de Coimbra. Mais de Lisboa uma saquinha com moedas de prata e de cobre e uma nota de 20\$, dinheiro que minha querida mãe tinha guardado na mala de mão antes de falcer. Mais 40\$. Mais 100\$. Mais 150\$ de Alameda. Mais 40\$ de Lisboa. Mais 100\$. Mais 30\$ do Porto. Mais 100\$. Mais 20\$ de Lisboa. Mais 500\$ entregues no Lar do Porto. Mais 50\$ idem. Mais 20\$ de Famalicão. Mais 50\$ de Canas de Senhorim. Mais outro tanto do Dr. Zéquinhas. Mais 1.000\$ satisfação de uma promessa. Mais 50\$ do ordenado do seu filho. Agora seria a ocasião de relatar as encomendas postais e tudo o mais que o Porto e arredores deixam ficar no Espelho da Moda. Seria. Mas é impossível. Ainda ontem pagamos 57 contos ao Sousa Barbosa de papel do jornal. ! Temos de poupar.

Mais 185\$00, produto da reunião de algumas migalhas que alguns empregados dos escritórios da Chenop resolveram subtrair dos seus ordenados. Subtrair! Conta difícil de fazer. Mais 200\$ pelo bom resultado de um exame. Mais 160\$ da Granja. Mais retirado do Depósito, um Morris cheio de pacotes. Mais o costumado envelope com dinheiro para os pobres e por fora Bendito Seja Deus. Mais 50\$ da Julieta. Encomendas postais, nem é bom falar! Virou-se para nós o Ultramar e não faltam passarinhos a ilustrar encomendas.

## EM DISTRIBUIÇÃO

• ISTO É A CASA DO GAIATO •

— II VOLUME —

PEDIDOS À EDITORA

Tipografia da Casa do Gaiato  
PAÇO DE SOUSA

# Isto é a Casa do Gaiato

\*\*\* O Abel revelou-me que um senhor do Porto o tinha convidado para jantar e pede-me se pode ir. Como ele é alfaiate e tem muito que fazer eu disse que era melhor aproveitar o dia de venda, ao que ele responde que nesses dias tem as horas ocupadas e não pode ser. Marcou-se dia e o Abel foi. Vestiu o seu fato novo, camisa azul, sapatos amarelos, sueter às riscas e vinte mil reis. As quatro estava de volta. Eu quis saber tudo para alento da confiança que deposito nestes rapazes. Para fazer como a mais gente, eu não devia ter acreditado nem t'lo deixado ir. O rapaz trazia um cartão do senhor que o recebeu à sua mesa. Trazia 50\$00 que ele manda para mim. Trazia calcio granulado para ele e recado para ir por mais quando este acabar. Perguntado sobre o jantar, disse-me que foram 5 pratos. Cinco pratos! Ora eu naquele mesmo dia tinha tido aqui em casa para o almoço os Governadores Civis do Porto, desde o Senhor Doutor Pires de Lima até o actual; também o Senhor Russel de Sousa, Dr. Arménio Salgado e Tenente Cruz. Tinha tido sim senhor, e foi um caldinho de grelos. E o Abel fala-me em cinco pratos! Pedi-lhe que me dissesse o nome de cada um e ele começa: *o primeiro prato foi nozes*. Pronto. Não quis ir mais além. Estou satisfeito e o Abel pode ali tornar. Já sabemos que é sopa e um prato. As nozes que ele conta como tal, não contam.

\*\*\* Ontem de manhã apareceu aqui uma viúva com um filho ao peito e seis outros pela mão. Nunca se viu aqui tal! Era da Freguesia da Anta e disse-me que o Presidente da Câmara de Espinho a mandara ter consigo. Que espectáculo não teria dado pelo caminho esta mãe mai-los seus filhos! Como e quanto deve ter impressionado! Ela vinha de dó. O mandá-la vir ter aqui, dá bom testemunho

## Noticias da Conferência da nossa Aldeia

Acabo agora mesmo de ser informado pelo Avelino, tesoureiro da nossa conferência, que estamos em déficit nunca até agora atingido—perto de 2 contos!

Dois mil escudos! Estou quentinho pela informação e com mais alma e calor faço uma sondagem às carteiras dos nossos leitores.

Não deixem afundar a nossa barca. Não consta que uma obra do Evangelho tivessem sucumbido pela falta material. Por isso é que nós não desanimamos; Deus baterá, concerteza, ao vosso coração e na medida proporcional às vossas forças, dir-vos-à que a Conferência do S. S. Nome de Jesus da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, está precisada de perto de dois contos de réis! É obra—2 contos de réis!

Vamos arregaçar as mãos e trabalhar para o mesmo fim. Vamos todos num só ideal, cada qual dentro das suas possibilidades, reduzir o nosso déficit. Adiante, em nome de Deus e em favor dos nossos irmãos Pobres.

E esperamos pelo correio. Esperamos que nele venham *aque-las de quilo...* que há muito não frequentam o cofre do nosso tesoureiro.

Eu parece-me que é Lisboa... Bem ao certo não posso precisar. Mas tenho cá uma fé...

Julho Mendes

da nossa Obra, mas não quer dizer que nós possamos remediar casos assim. A freguesia de onde ela é, devia ter os meios necessários. Se não a freguesia, a Câmara. Se não a Câmara, o Distrito. Ficamos-lhe com um filho, pela enorme violência que a vista do caso nos fez; os mais foram-se embora. Eles pediam, mas não ficaram. Não temos lugar. Que vai ser daquele rancho? Que é de tantos e tantos assim?

\*\*\* Os leitores mais afeitos e interessados nos nomes populares da nossa aldeia, hão-de pasmar ao saber que o Botas e o Moléstia fugiram. Pois é verdade. Eu mesmo, mais afeito do que ninguém a estes episódios, pasmei quando me vieram dizer. Deve ter havido entre eles prévio entendimento. Moléstia, levou para o seu quarto o despertador que o Botas tinha a seu uso, para maior segurança de acordar. Tomaram em Cete o combóio da madrugada. Limparam dinheiro. Limparam roupas. Botas até a roupa da cama levou. Oito anos de carinho. Oito anos de esperança. Bem comidos, bem dormidos, bem tratados. Tudo trocaram pela miséria. Eu podia-me calar, mas não era verdadeiro; e nós temos de dizer a verdade. Eu devia desanimar; só quem ama como eu estes rapazes, pode avaliar quanto isto custa. Mas não. Prefiro aproveitar estas e outras penas e ir com elas até ao fim. É o bom combate.

\*\*\* O pequenino Luís, que não sabia rir se antes de ser nosso, andava hoje, sozinho, às flores. Era domingo. Maré cheia de visitantes. Uma centena de seus companheiros entretinham-se no campo da bola. Eu descii a quinta em direcção à mata. Na orla de um dos campos, dou de cara com o tesoiro. Era ele. Era o Luís. Estava colhendo flores. A mãe desta criança, nova e doente, escreve-me cartas dolorosas. Ela tem uma paixão; quereira viver com o seu filho e para o seu filho de quem ela diz *ser o sangue do meu sangue*. Foi ela mesmo que veio um dia até aqui, sozinho, confessar-me a sua vida, dizer da sua doença e pedir um cantinho para o filho, que tinha deixado ficar no Porto aos cuidados de uma vizinha. Dei-lhe uma esperança. Mandeí que o chefe do nosso Lar fosse ver. Hoje é um tesoiro da Casa do Gaiato. Sabe-se quem é o seu pai e ele, o pai, não quer saber do seu filho!

\*\*\* As notícias aqui na aldeia fervem. Ontem um perú vai e mata uma galinha! A «bomba» caiu no seio dos rapazes da cozinha, que logo a passaram aos do refeitório e estes aos da rouparia e daí a nada, era na boca de toda a gente: o perú matou uma galinha. Entrou o medo nos animais e como o pavão tivesse ameaçado, nomeou-se um guarda permanente das ninhadas. É o Melo. O Melo senta-se na relva, aonde as galinhas estão com seus pintaínhos, e defende.

\*\*\* Ontem à noite veio aqui o Bernardino, e já tinham vindo outros, editar histórias para a aula do Sejaquin. Alguém, de dedo, lembrou-se e nos enviar numa tarifa com muitos quilos de peso. Leitura adequada. Histórias construtivas.

O Sejaquin tem uma classe de 80, aos quais ensina o catecismo e música e, nas horas vagas, boa leitura. Anda agora tudo a contar histórias. Bem haja quem assim se lembra de nós.

\*\*\* O Papagaio é um comilão. Serve e senta-se a comer com os servidos. Acaba e fica no refeitório a rapar. Chegada a sua hora vai comer com os seus colegas. De vez enquanto *acaça* um extra aos cozinheiros. Ontem ralhei. Que assim não estava certo. *Deixe lá; eu tenho de comer para trabalhar com força*. E eu deixo.

\*\*\* No dia de S. José, vai o Sejaquin mais alguns membros do seu orfeão, fazer uma festa aos Velhinhos das Irmãzinhas dos Pobres, no Pinaheiro Manso. Anda aqui uma grande bulha, perquanto eles querem ir todos e o Sejaquin só escolheu 5 de cada voz. Tem havido *cunhas*, porém nada posso fazer. Espera-se que os dez cumpram e interessem.

\*\*\* Ontem à noite chamei o chefe ao refeitório dos Batatas. Eles são vinte e cinco. O chefe tem 19 anos de idade, mede 1,75 de altura, pesa 80 quilos e quando fala é que nem um trovão! Eu disse que tinha visto alguns dos presentes perseguir pintaínhos. Que era possível eles continuarem. Que ele, chefe, de vez em quando se informasse; e que pegasse numa cana e desse pra baixo, no caso do aviso não surtir efeito. Fui muito claro; muito incisivo. Os olhos dos 25 estavam fixos nos meus. O chefe disse-me que s m senhor. Vamos a ver.



Outra expressão da Obra da Rua. Trabalho e oração são as duas asas que levantam as Casas do Gaiato às culminancias.

\*\*\* Anda aqui um grande segredo. Consta que nos esconderijos das galinhas chocas, há delas com ovos de pata há delas com ovos de peru, há delas com ovos de gança e também com ovos duma pata muda de um casal que há tempos nos ofereciam. Os serventes da Casa-Mãe, por serem os que andam em maior contacto com estes negócios, são também os mais explosivos. Eu cá também ando interessado e estou para ver o que daqui vai sair...

\*\*\* A senhora da cozinha andou muitos meses de luto por uma pessoa de família e tudo corria bem; a cor preta não interferia; o rapaz não se interessa por ela. Porém, acabado que foi o tempo, a senhora depõe o seu vestido de preto e veste outro de cor aliviada. Era de pano verde e daí os rapazes começam a dizer que ela acode pelo Sporting. A senhora da cozinha, consumida, muda para azul e eles aí vêm; a senhora acode pelo Porto. E a pobre da senhora, corrida por uns e por outros, anda agora vestida de neutro.

\*\*\* Já que falamos em cor preta, eu quero dizer aqui o que acontece a umas peças de pano preto que nos costumam enviar da Covilhã. É assim. A peça chega, na aldeia sabe-se, todos querem ver se o pano é bonito. Um rasga o papel e espreita, vê a cor, foge e comunica. Resultado: troca-se nos feirantes.

\*\*\* Chegou hoje a notícia do apelo feito aqui por uma bicicleta pequena

## DE COMO FOI A VENDA

Ora vejam os senhores que só hoje é que eu dei fé duma coisa: os rapazes também vendem em Santo Trisol Já o fazem há muito tempo e eu sem saber nada! Felizmente que me não tenho na conta nem sou o *Sny*. Director da casa, porque se o fora, mal me ficaria ignorar estes negócios. Pois é verdade; vende-se o Gaiato em S. Tirso. Foi o Fominhas. O Fominhas é o encarregado. Ele deu-me a informação. Vende à porta da igreja e se sobra, vai para a vila. Se a hora de regresso o apanha com jornais, ele desata a oferecer: *ande que é de graça*. Eu ouvi e disse que não. Que não podia dar jornais. Que entregasse em casa os que não vende e estava o caso arrumado. Porém o Delfim Ferreira, que assim se chama o Fominhas, é muito mais esperto do que eu. *Eu digo que é de graça e eles pagam no jornal e eu vou atrás deles e não os largo sem lhes acaçar os dez tostões*.

Os senhores querem saber aonde o Fominhas come? Eu cá, de uma vez que por ali passei, fui comer a uma pensão por dezasseite escudos, que ficou por dezasseite com a gorjeta. Pois o Fominhas não. O Fominhas não senhor. Ele é no Cidnay! Um hotel de grande categorial Ouvi dizer há dias que nas altas esferas fala-se da Obra da Rua como sendo muito cara: *é uma obra cara*. Na verdade as coisas passam-se como se o fora; rapazes instalados nos melhores hotéis! Mas Fominhas vai mais longe; só agora é que o soube. Um dia em que ele não pode ir, mandou o Preta das casas na sua vez. Deu-lhe instruções da venda e entregou-lhe um cartão para ir comer ao hotel; e o Preta foi. O Preta foi comer ao hotel. Perguntei o que tinha sido e ele disse: *batatas com cenouras e azeitão e uma carne muito boa*. Pois não! Não havia de ser boa a carne naquele hotel...

Os vendedores de Viana, também se metem em altas despesas; desta vez, apareceram aqui no domingo de tarde de automóvel! Na verdade, a Obra da Rua fica muito cara... aos senhores que a amam. A família em casa de quem almoçaram, quiz trazê los aqui no seu automóvel. De passagem por Barcelos, o senhor do carro e família, pararam um nadita, para que Abel e Hélio vissem a cidade; e conta-me o mesmo senhor que os dois se entusiasmaram com a largueza e disseram um ao outro que *ali também havia de dar*. Hoje não me largam. Fazem planos. Um quer ficar em Barce os, enquanto o outro segue a Viana. São eles. É tudo por eles. Eles é que fazem a obra cara,—porque alta! Eis.

para os pequenos refeitoreiros. Foi um senhor do Porto que me respondeu. Anda aqui tudo cheio e ela, à hora em que escrevo, ainda se encontra no Porto! O Bernardino já veio aqui ao escritório por duas vezes pedir que avise eu o senhor do Porto para a não entregar na rua D. João IV, *senão eles acaçam-na*. Os eles são os rapazes do Lar. Anda aqui tudo cheio e o objecto encontra-se à distância e não se sabe ao certo o dia em que cá chega. Quando for que há-de ser!